

DEPOSITO LEGAL

Biblioteca Municipal de Lisboa

redacção e administração
boço d. maria. 2-2.º dir.
composição e impressão
tipografia sado
propriedade do grupo editor: «o filme»
administrador: jacques t. da silva
visado pela censura

o filme

semanário de propaganda cinematográfica

tribuna

nós, o público
e a imprensa

director miguel manjúa editor jacques t. da silva

o unico jornal da especialidade que se publica no país

Prometemos que o filme reapareceria hoje, impreterivelmente. Enche-nos de satisfação e orgulho o facto de, como os nossos queridos leitores constatam, não faltarmos! Ardentes, sinceríssimos votos formulamos para que assim seja sempre — para que nunca faltemos. Isso será motivo de estímulo para todos os cinéfilos que nos leem, e de radiante alegria para nós.

O primeiro número de o filme, de que se fizeram muitas centenas de exemplares, esgotou-se, logo no mesmo dia em que apareceu, tal o interesse com que foi acolhido pelo público! Se bem que não fizéssemos propaganda antecipada, tanto na Imprensa, como ainda por qualquer outro meio, o certo é que este jornal era aguardado, pelos cinéfilos do país inteiro, com grande interesse, que facilmente se avalia pelas inumeráveis cartas que caem na nossa banca de trabalho, procedidas de várias localidades.

Em cada dia que passa, avoluma-se o número de pedidos de assinaturas que, constantemente, nos chegam á redacção. Bom sintoma, este, que profetisa ao nosso jornal uma existência longa e próspera...

Tanto o nosso presado Director, como os componentes do corpo redactorial, todos têm sido alvo de cordialíssimas felicitações de amigos sinceros, que muito nos sensibilizam. O aspecto gráfico e a colaboração de o filme, mereceram a muitos leitores francos encómios. Dêles, compete uma quota parte ao brioso e hábil pessoal da Tipografia Sado, onde o nosso jornal é manufacturado. Elles são, sem dúvida, elementos preciosos, que muito contribuem para o êxito de qualquer periódico, mórrmente quando ainda está tentando os primeiros passos.

A Imprensa, da especialidade e de outras índoles, referiu-se ao nosso aparecimento, com palavras de elogio, consoladoras. Merecem êsses nossos colegas que lhes testemunhemos a nossa indelevel gratidão, pelos incitamentos que nos incitem para que prossigamos na jornada e pelas frases simpátiquíssimas com que nos mimosiam.

Contem, pois, todos os nossos presados colegas da Imprensa, com a nossa incondicional e illimitada solidariedade, melhor e mais leal camaradagem, aliada aos

(continua na 4.ª página)

lupe velez cinema colonial



A tentadora mexicana, vedéta de cinema de cotação internacional, que há pouco admirámos no filme «Melodia Cubana».

«Foto» M. G. M.

o nosso concurso

Como esperávamos, constituiu motivo de grande entusiasmo, a notícia que demos, no primeiro número, de que O Filme iria iniciar, em breve, um interessantíssimo concurso, entre os seus leitores.

Não desistimos desse intento; pelo contrário, pois vamos emprende-lo ainda com maior vontade, para provármos, a alguém, do que somos capazes! E só porque luctamos com imensa falta de espaço, rezervaremos para o próximo número, a notícia circunstanciada do que consta esse nosso concurso, que dia a dia mais está interessando a grande parte dos cinéfilos que nos leem, de norte a sul do país.

Aguardem, pois, leitores amigos, a saída do próximo número de O Filme!...

são poucos os cinéfilos que se preocupam com a questão colonial, e, no entanto, este problema é um dos que pode e deve ser tratado, pelos cinéfilos que se prezam de o ser.

Não existe, propriamente, no nosso país, cinematografia colonial, além de alguns antiquados e pouco elucidativos documentários, que possui a Agência Geral das Colónias.

Os filmes que existem, são quasi todos sobre Angola e Moçambique. Ora, o nosso Império Ultramarino, compõe-se, também, da Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe; Goa, Damão e Diu (India Portuguesa); Timór e Macau. Porque se não fazem algumas películas sobre estas nossas possessões, dentro do aspecto cultural, social e artistico, dando ao público a visão nitida das riquezas ultramarinas, das suas magnificas regiões?

Era vantajoso para o país, que aprenderia, assim, a conhecer melhor as nossas colónias, criando-se, ao mesmo tempo, no povo, o sentimento colonizador, podendo-se evitar, com uma sistemática propaganda por meio de filmes coloniais, a emigração dos portugueses, para terras donde quasi sempre voltam mais pobres do que quando partiram...

Têm os cinéfilos especializados nos vários aspectos técnicos, artisticos e culturais do cinema nacional, um campo aberto de acção, no que diz respeito à cinegrafia colonial.

Até, mesmo os profissionais de cinema, podem dedicar-se ao aspecto colonial, pois, ao mesmo tempo que se criam quadros especializados, como os outros países colonizadores têm — concorre-se para a divulgação de úteis conhecimentos sobre as possessões portuguesas do Ultramar.

Que os estudiosos se dediquem ao problema da cinematografia colonial, porque é um assunto que merece ser convenientemente estudado.

Temos em preparação um Plano de propaganda colonial pela cinematografia, a que a seu tempo daremos publicidade. Por êle, verão os cinéfilos a importância deste problema, que, tal como a continuação do cinema nacional, exige solução.

pinto guimarães

notícias e comentários

na Página de Cinema do nosso colega «O Setúbalense», veio publicada, há quasi três meses, a muito agradável notícia — para nós — de que um dos seus redactores iria, em breve, realizar uma conferência sobre Cinema, nesta cidade, a qual seria radiodifundida — não sabemos se avançará de todo o país...

Como há, porém, uma dezena de semanas nobridas, após ter vindo a lume essa informação, leva-nos a crer, pois, que o conferente desistiu da preleção, que tem sido aguardada com indiscreto interesse, pelos cinefilos do nosso burgo...

— Mas, como o prometido é devido...

no dia seguinte ao aparecimento do nosso jornal, partiu para a cidade de Setúbal, o nosso muito querido amigo, sr. António de Frias, ferrenho e culto lisboense, admirado e querido por todos os setubalenses, que com pesar sentem, como nós, a sua ausência.

António de Frias, a quem desejamos, sinceramente, que tivesse uma felicíssima viagem, ficou como representante de o filme na cidade do Funchal, onde chefiou os trabalhos duma importante firma, recentemente estabelecida, naquela cidade.

encontra-se em exhibição um filme — «O Amigo do Perigo» — de Buck Jones, que o mais grave defeito que possui é as legendas serem traduzidas em galego brasileiro — principalmente porque é do sertão... Ora não faz sentido que estejam proibidas, pelo Município de Lisboa, as taboetas sem ortografia e gramática, e se permita a projecção, entre nós, de alguns filmes, como este, que não têm qualquer destes predicados.

Porque isto representa um audacioso atentado e atropelo á nossa lingua, ousamos pedir a attenção da Inspekção Geral dos Espectáculos, única entidade que tem a obrigação de olhar por isto e a quem somente cabem as responsabilidades!

as palavras do nosso artigo de fundo, do primeiro número, melindram muitos senhores, que nesta terra vegetam parasitariamente... Já o calculávamos. Prepositivamente, mandámos-lhes o filme, para que elles nos lessem e, também, para os conhecermos — a todos...

Assim succedeu, pois os cavalheiros devolveram-nos o jornal... Francamente, não supúnhamos que a carapuça servisse á tanta gente!...

Agora, já sabemos quem elles são...

o motivo do fracasso comercial de alguns filmes excelentes...

eis, aqui, um problema momentoso, de capital importância, que se impõe, imperiosamente, ser encarado a sério, com serenidade e ponderância — resolvido com intelligência... E a quem isso compete, é por todos, de há muito, sabido...

Historiemos, minuciosamente, este magno e — até ao presente — insolucionável tema, que é a exploração cinematográfica, entre nós, no que respeita ao processo em como ella é feita, e de que resulta o que visa o título deste arrasoado. Não somos peritos em quaisquer assantos complexos relacionados com o cinema. A verdade e, principalmente, a nossa modéstia, exigem-nos que assim o digamos.

Todavia, se este caso de que nos estamos occupando, for olhado com um vislumbre de intelligência, — que qualquer terá — facilmente encontraremos os porquês; isto é, os motivos que têm originado o raído e fracasso comercial de filmes duma técnica e interpretação admiráveis, excellentes, glorificados pelos criticos mais exigentes e severos da imprensa cinematográfica do mundo inteiro.

Sabemos bem que, em parte, é lamentável consequência de muitos milhares de pessoas não possuírem, sequer, uma restricta cultura cinegráfica, o insucesso dos bons filmes. Porém, não nos preoccupa, neste momento, analisar — porque já o fizemos — se há, ou não, possibilidade de resolver, de maneira prática e louvável, este desideratum. Interessa-nos, sim, — e apenas — focar, pela sua flagrante oportunidade, uma outra chocante anomalia, que merece a nossa mais veemente condenação.

Dello, são únicos culpados os distribuidores e empresários portugueses. E para que se não contestem as nossos desassombradas afirmações, aí vão os factos: Quando ao nosso país vem qualquer lita mediocre, immediatamente os nossos distribuidores — seus exclusivistas — a apresentam ao público, por meio da imprensa, com réclamos exaggeradíssimos, pomposos, que, por vezes, tocam as raíças da hilaridade — de ridiculos que são!...

Depois, o público — e entre elle muitos cinefilos cultos — que vai ver o referido filme, erente na veracidade do réclamo, sai do espectáculo justamente indignado, por o terem iludido. E então, succede que, ao estrear-se um filme bellissimo, que reúna todos os requisitos indispensáveis para agradar, muito gente o não vai ver, só porque já não acredita nos adjectivos encomiásticos que na imprensa lhe são feitos — mas desta vez merecidos.

Portanto, o insucesso comercial das pelliculas consagradas, deixa de ser apenas pela crassa cultura cinegráfica do público, para também ser dos distribuidores e exhibidores, que, na sua desenfreada — fomos dizer gananciosa — miragem de lucros fabulosos, aniquilam e abandalham um bom filme, em deprimido duma arte grandiosa!... Por isso, a *Tragédia da Mina*, *Grande Hotel*, *Raparigas de Uniforme* e tantos outros filmes admiráveis, sofreram o ingrato e triste «desaire» que todos nós sabemos... Francamente, isto é revoltante!

Atendam os responsáveis nisto: é imperioso e urgente pôr um dique a esta sua louca vertigem, não se ficando tão descaradamente o público — esse eterno bôde expiatório, de tudo e de todos...

m. m.

BREVEMENTE:

GENTE NUA

por Joaquim Ameixa

Um interessante volume de crónicas, descrevendo paisagens, costumes do gentio e curiosidades angolanas.

Trabalho escrito em estilo empolgante e ilustrado com gravuras muito originaes.

a ideia dos cine-clubes

Recente a simpática ideia de se fundar, no nosso país, um clube cinematográfico, porquanto em várias cidades do estrangeiro já existam alguns, apoiados em bases sólidas, e de grande incremento — sob qualquer aspecto. Em Faro, pensou o sr. José dos Santos Stockler, nosso estimado amigo, instituir o «Cine-Clube de Portugal», para o que muito trabalhou, infructiferamente — afinal...

Também aqui, em Setúbal, um nobre cinefilo, jornalista como o primeiro, fez idêntica tentativa, e ainda com mais idêntico resultado... Lisboa e Porto, outrotanto. Como se vê, conclui-se, uma vez mais, que o nosso meio é demasiado restrito e tucanho para estas — e outras... — iniciativas, embora muito louváveis — e também úteis.

Acha-se, porém, em formação mais tímidos clubes. Como a dirigi-lo se encontram numerosos entusiastas pela Sétima Arte, pessoas de comprovada competência e empreendedores, (e isto não quer dizer que os outros também não possuam estas essenciais qualidades) de esperar é que seja agora, finalmente, que vingue tão simpática como necessária agremiação.

Denomina-se «Clube Cinematográfico Português» e propõe-se realizar os seguintes objectivos: manter gabinetes de leitura de jornais, livros e revistas da especialidade cinematográfica; illustrar os sócios com exhibições de filmes adequados, conferências por individualidades competentes, etc.; facilidades aos sócios para que possam assistir a espectáculos públicos, a preços reduzidos; criar cursos de dança, musica, ginástica, jogos desportivos, etc.; difundir os progressos da técnica cinematográfica; realização de pelliculas, de pequena o grande metragem; proporcionar aos sócios, conforme as possibilidades de momento, todas as vantagens que os clubes congêneres estrangeiros oferecem.

Francamente, é um admirável programa que imenso gostaríamos de ver tornado em breve realidade, pois que, tudo quanto redunde em beneficio do cinema, nos merece sempre o maior carinho e aplauso. Portanto, ao «Clube Cinematográfico Português», augura «O Filme», sinceramente, as maiores prosperidades e o cumprimento integro do seu vasto programa de futuras realisações!

importante

Ainda por motivo de organizarmos, convenientemente, os nossos serviços redactoriaes e administrativos, o próximo número de «O Filme» publica-se no dia 20 do corrente mês.

Publicidade

São os seguintes os
preços de publicidade
no nosso jornal:

PRIMEIRA PÁGINA

Uma página	30\$000
Meia página	150\$000
Um quarto de página	80\$000
Um oitavo de página	45\$000
Um décimo de página	40\$000
Um vigésimo de página	25\$000

OUTRAS PÁGINAS

Uma página	250\$000
Meia página	130\$000
Um quarto de página	70\$000
Um oitavo de página	35\$000
Um décimo de página	30\$000
Um vigésimo de página	20\$000

Para publicidade redigida ou anúncios de mais de uma publicação, preço convencional.

A Administração.

STÚDIO-CINEMA
FOTOGRAFIA

Executam-se, por artistas de Lisboa, fotografias género americano, iguais às dos actores de cinema, desde a miniatura ao tamanho natural; processo eléctrico.

6 retratos-reclame, com
brinde, Escudos 10\$000

Instalações na

CASA ÁLVARO PIRES & C.^a
Rua Serpa Pinto, 30 — SETÚBAL

Paulo Parreira Rocha

Médico

Doenças de boca e dentes

Telefone 493

Travessa do Postigo da Pedra

Setúbal

Consultório Clínico

DR. JOSÉ CARDOSO

Doenças dos pulmões e
clínica geral

Consultas das 10 às 12
e das 15 às 17

Praça de Bocage, 1.º andar
Telef. 481 SETÚBAL

carta de lisboa

Incontestavelmente, o maior acontecimento cinematográfico de Lisboa, na última semana, foi a estreia de *Esquimó*, nos dois maiores e melhores cinemas — Tivoli e São Luiz, simultaneamente. Conseguiu este filme, manter-se sete dias em exhibição nos mencionados cinemas, o que constitui motivo de invulgaridade, na época de assustadora crise que ora decorre.



Uma cena do filme «Esquimó»
Foto: M. G. M.

Esquimó, é, quanto a nós, o melhor documentário visual e pictórico, admirável e tetricamente impressionante, que do género temos visto na tela. Seguramente se pode afirmar que é, em muito, superior a *Sombras Brancas*, *Tarzan ou Trader Horn*, que o talentoso e arrojado realizador expedicionário W. S. Van Dyke dirigiu. Embora *Esquimó* possua um ambiente não igual a estas duas últimas películas, e todavia um documentário pitoresco e grandioso de atracção dinâmica, que nos transporta às famosas e longínquas paragens polares, com os costumes exóticos e episódios enérgicos dos seus habitantes — os esquimós.

Van Dyke consagrou-se, uma vez mais, com este esplêndido filme que fez para a Metro-Goldwyn-Mayer. *Esquimó* é uma beleza rítmica e arrebatadora, dominante e vigorosa, que nos foca a existência nómada e ignorada das gentes primitivas da Groelândia. É bem digno do incantamento que difigimos aos cinefilos que ainda o não viram.

Esquimó, não é, apenas, um documentário belo de imagens e emocionante de episódios sugestivos; e também uma notabilíssima produção do cinema americano, que longo tempo perdurará na retina daqueles que a vjeram, singrando triunfalmente através de todas as plateias.

2/5/34

anselmo correia.

atenção

Consideramos nos-
sos assinantes todas
as pessoas que não
nos devolveram «O
Filme», até à data da
saída do presente nú-
mero.

o nosso correio

António David — Tomar —
Agradecemos-lhe as suas gentis
palavras acerca do nosso jornal,
que muito nos desvanecem. E'
com imenso pesar que o informa-
mos de que o seu artigo não po-
derá ser publicado, em virtude de
não ser o primeiro capítulo, mas
sim o terceiro. Mande outra coisa,
que então publicaremos, gostosa-
mente. Por enquanto, não tenciona-
mos inserir em O Filme secção li-
terária.

José Guimarães — Braga —
Muito gratos lhe ficamos pelo abraço
enviado a esta redacção, que lhe
retribuimos. Igualmente lhe agra-
decemos os seus desejos de longa
vida a O Filme.

Carlos David — Coimbra —
O nosso querido Director, sr. Mi-
guel Manjúa, do coração lhe agra-
dece, como também nós, as suas
consoladoras palavras, que tanto
ânimo nos incute! É possível
que necessitemos, ainda, dos seus
preciosos préstimos.

José dos Santos Stockler —
Paro — Agradecemos-lhe as suas
bóas palavras que nos dirigiu. Pode
mandar o artigo, que publicare-
mos. Seguem os exemplares pe-
didos, para os colocar à venda,
nessa cidade.

Couto Rodrigues — Lisboa —
Gratos lhe ficamos por aceder em
ficar nosso assinante. Sobre cola-
boração, vai o nosso Director es-
crever-lhe, por estes dias mais pró-
ximos, uma carta.

Maria Amália Vidal Ramos —
Setúbal — Conforme V.º pedido,
fica feita a devida rectificação no
endereço. Agradecemos-lhe o ou-
dado, que prova o V.º interesse
pel' nosso jornal. Não será assim?...
Silva Neto — Lisboa — O sr.
Miguel Manjúa, nosso estimado
Director, agradece-lhe, assim como
a redacção de O Filme, as suas
palavras amigas e animadoras, que
imenso nos sensibilisaram.

um amôr que
não morreu

Comos vêr, há poucos dias, a
um cinema de Lisboa, o lindo filme
que tem o nome que epigrafa estas
linhas. Confessamos, com sinceri-
dade, que há muito não tínhamos
a suprema felicidade de assistir á
projectão duma película que reu-
nisse, em si, um tão perfeito con-
junto de vastas qualidades para
agradar, em absoluto, aos especta-
dores mais exigentes — como esta
a que estamos dando relevo.

O argumento, subtil e encanta-
dor, seduz e emociona, até quasi
às lágrimas, outrótanto a música,
dolente e nostálgica — que nos em-
brenha o espirito em sonhos ro-
mânticos, cheios de doçura... Norma
Shearer, sem dúvida a mais
elegante vedeta da «Cinelândia»,
revela-se-nos, neste seu delicioso
filme, a artista talentosa e formo-
síssima de sempre!

A graciosidade delicada da sua

Instalações Electricas

de luz e força motriz

Candeeiros dos mais re-
centes modelos, T. S. F.,
ferros electricos, etc.,
em 24 prestações men-
saes incluindo a ligação
à rede e o depósito.

Pedidos e orçamentos à

CASA E. D'ANDRADE, L.^{DA}

Rua da Padaria, 16-1.º Esq.
LISBOA

Em Setúbal:

RUA ÁLVARO CASTELÕES, 2

Em Palmela:

CARLOS MARTINHO DE SOUSA

Agente da «Empresa
Auto-Cars Palmelense»

VIUVA DE

José Gregório Durão

Com embarcações para
transportes fluviaes no Tejo

Encarrega-se de todos os
serviços concernentes á sua
arte: alfândega, caminho
de ferro, etc.

Trafar com

José Jorge Durão

R. da Padaria, 16.1.º Esq.
LISBOA

correcta representação na tela, a
beleza serena e marmórea do seu
belo rosto oval; a expressão mis-
tica dos seus lindos olhos, cheios
de fulgôr; o seu perfil helénico e
senhoril — são todos ráros atra-
ctivos que muito admiramos na
deliciosa heroína de «Um amôr que
não morreu».

Leslie Howard e Frederick March,
o célebre artista que «O Médico e
o Monstro» nos revelou, com a
sua sóbria actuação, emparceiram,
como principais protagonistas, com
a linda e sedutora Norma Shearer
— neste filme admirável, que tão
lisonjeiro êxito tem obtido, em todos
os cinemas onde foi apresentado.

Aos cinefilos e exhibidores da
Provincia, recomendamos, sem o
mais ínfimo receio, este belo filme
— para deleite espiritual dos pri-
meiros e provento dos segundos.
E assim, aguardamos, pois, a sua
breve estreia nos ecrans do nosso
burgo — se tal for possível...

«O Filme», acha-se á
venda em Lisboa, no
mesmo dia em que se
publica, nas princi-
pais tabacarias da
Baixa.

de teatro

sociedade capricho

em homenagem ao regente da Banda d'esta Sociedade, Ex.^{mo} Sr. Emilio Ferreira, realisou-se, na passada quinta-feira, 2 do corrente, um sarau de arte, subindo à cena, a engraçada comédia em 2 actos, *Tire d'Ali a Menina*, do espirituoso escritor Chagas Roquete.

Assisti a alguns encaixos d'esta comédia, e confesso, não esperava que a idéa que formulei me atraísse, pois julgava-a mal architectada e com pouco chiste.

O desempenho, foi excelente: Julieta Fernandes, na *Isabel*, e Julieta Rica, na *Cecilia*, representaram com muita graça os papeis que lhes confiaram, dando provas da intuição artistica de que são dotadas.

Henrique Rocha, no *Procópio de Menezes*, foi o grande animador da Comédia, estudando muito bem o tipo de negociante, usando de um escrúpulo absoluto, na interpretação do «papel». Joaquim Silvestre, amador inteligente, possuidor de uma grande vontade, cumpriu, como sempre, no *Gusmão da Silva*.

Vinício Cruz, amador ainda pouco experimentado, conseguiu, no entanto, achar bem o tipo, empregando a naturalidade, mas abusando, um pouco, do riso, que, por vezes, não se justificava.

L. O'Neill, em *José Miguel*, e Augusto Envia, em *Amaro*, cumpriram, utilmente, em papeis engraçados, dando as suas entranhas em cena, motivo para que a platéa estivesse em constante gargalhada.

Henrique Rosa, enscenou com aquela mestria já conhecida e, felizmente, admirada pelo nosso público.

Um acto de variedades completou o programa, havendo n'ele alguns deslizes, que se justificam, pois os versos eram algo difíceis, para amadores ainda pouco experimentados em recitações deste género.

No final, o público premiou com palmas, o trabalho de todos os amadores.

b. da silva

sociedade união

por motivo de doença de uma das amadoras do Grupo Dramático «União Setubalense», não se realizou, conforme estava anunciado, o sarau de arte em que deve subir à cena uma peça do notavel escritor Camilo Castelo Branco, *O Assassino de Macario*.

Já se encontra de todo restabelecido, da grave doença que o reteve no leito, durante trinta dias, o nosso particular amigo, sr. Henrique Rosa, competente ensaiador do «Grupo Dramático Capricho Setubalense».

noticiário cinegráfico

Alguns dos filmes que veremos no «Casino Setubalense», na próxima temporada: Uma sombra que passa, com *Fredric March e Evelyn Venable*; Um filho que volta, com *Dorothea Dick e Alice Brady*; Em busca da beleza, com *Larry Buster e Ida Lupino*; Sejam Selvagens, produção de *Cecil B. de Mille*.

Segundo nos informam de Hollywood, *Jeanette Mac Donald* será a partenaire de *Maurice Chevalier*, no filme *Viuva Alegre*, que será realizado por *Ernst Lubitsch*, com a assistência musical de *Fraz Lehar*.



A grande vedêta GRETA GARBO, numa cena do seu filme *Rainha Cristina*, que veremos em Portugal, brevemente.

«Foto. M. G. M.»

A «Paramount» apresenta-nos, brevemente, «incógnitas estrelas», que são: *Helen Mach, Evelyn Venable, Dorothy Dell, Elizabeth Young e Frances Drake*.

A esposa de *Jean Murat*, a encantadora vedêta *Annabella*, partiu, há dias, para Hollywood, onde interpretará o interessante filme de *Eric Charell*, «*Chanson Arçane*». Ao lado de *Annabella*, neste filme, veremos *Charles Boyer, Pierre Brasseur e André Berley*.

O idolo *Henry Garat*, será intérprete do filme «*Lua de Mel*», de que brevemente serão feitas as primeiras filmagens, sob a direcção de *René Guissart*.

O grande artista alemão, *Emil Jannings*, aparecerá, na próxima temporada, num grandioso filme, como todos são os seus!

Estreou-se, há pouco, na América, com grande êxito, o filme «*Lost Patrol*», com a actuação de *Boris Karloff, Reginald Demy, Wallace Ford*, etc.

A película «*Paganini*», que *B. W. Eno* realizou, será interpretada pelo actor *Ivan Petrovich*, que todos os cinefilos portugueses admiram, pelo seu talento e sôbria actuação.

O filme espanhol «*Dos mujeres y un don Juan*», interpretado por *Consuelo Cuevas, Mary Cortés e Gaspar Causpos* (não sabemos se é artista português...), está merecendo o mais retumbante successo, comercial e artistico. E esta a informação que recebemos do país vizinho, com a qual muito jubilamos!

«O Filme», encontra-se á venda em todas as tabacarias de Setúbal.

escândalos e excentricidades das vedêtas de

hollywood...

Todos nós, pobres mortais, enquanto vivemos e gosamos o vertiginoso período da mocidade, tão prenhe de doces quimeras e deliciosos devaneios românticos, o nosso desmiolado cérebro sómente se embrenha em loucas miragens, em platónicas aspirações — que redundem em glória, em celebridade!... E eu, que felizmente me encontro, ainda, no decurso da ridente mocidade, não fujo, também, á regra dessas ilusões — porque ela não existe, talvez, em ninguém...

De há muitos anos que, apaixonadamente, acalento no espirito, a sempre esperançosa aspiração de, num dia próximo, conhecer a extasiante cidade de Hollywood, os seus enuríssimos gigantescos studios, em plena actividade — as suas vedêtas, por dentro e por fora, na intimidade...

Nunca isso, até hoje, me foi possível, mercê de oportunidade e... de notas. Terei, pois, de me contentar com a triste sorte que Deus me deu, que o Destino me designou — porque outro remédio não há.

São muitos os motivos — e alguns extemporâneos — que me fêrem o desejo veemente de conhecer a Cidade do Cinema. Estou certo que, depois de a visitar, sensacionais revelações teria a fazer aos cinefilos portugueses, através de algumas reportagens na imprensa da especialidade! Obteria, então, o maior êxito jornalístico...

E sabem os leitores qual seria o assunto da primeira dessas minhas reportagens? Focar, desassombadamente, os variadíssimos escândalos publicitários e íntimos das vedêtas, que por esse engenhoso processo, logram tornarem-se célebres. Depois, faria um arrasado combatendo as manias excentricidades das mesmas «estrelas», — de ambos os sexos — que também apenas servem para lhes proporcionar popularidade vasta, em redor de todo o Universo...

É que, quando qualquer artista de cinema não possui muito talento e, por tal, não consegue revelar-se no écran, imediatamente trata de recorrer a um escândalo que galvane o público, ou praticar as mais excentricas aberrações; e repare-se que lhes não falta originalidade na escolha...

Claro que o resultado é sempre favorável, pois que, volvidos poucos dias, mais uma vedêta da constelação de Hollywood é deita, pelo público, um novo idolo.

...E aqui está em como um pobre de talento, consegue elevar-se até aos pináculos da glória!...

repórter cinéfilo.

aos nossos leitores

Afim de angariarmos o maior número possível de assinantes, resolveu a administração de «O Filme» oferecer uma assinatura gratuita, por um ano (52 números), a qualquer dos nossos leitores que remeta uma lista com dez novos assinantes.

última hora

cartaz

Salão R. do Povo—Hoje: *O Concerto Real de Sans-Souci*, com *Otto Gebühr, Renate Müller e Hans Rehmann*. *Matinée* ás 16,30. *Soirée* ás 21,30. Amanhã: *Minha mulher não quiere filhos*, com *Marie Glory, Le Gallo, Robert Arnoux e Marguerite Templey*. *Soirée* ás 21,30.

Luiza Todt—: *A Vida Privada de Henrique VIII*, com *Charles Laughton*. *Matinée* ás 16 h. *Soirée* ás 21,30. Amanhã: o mesmo espectáculo, em *soirée*, ás 21,30.

Casino Setubalense — Hoje: *A Canção do Oriente*, com *Ramon Novarro e Helen Hayes*. *Matinée* ás 16,30. *Soirée* ás 21,45. Amanhã: *O Estigma*, com *Louis Faullarde e Maurice Champreux* (filme mudo). *Soirée* ás 21,30.

"gado bravo"

Somos informados, pelo sr. Dr. Felix Ribeiro, distinto jornalista e digno chefe de publicidade da Agência Cinematográfica H. da Costa, Ld.^a, que o fonofilm português «Gado Bravo», será estreado nas cidades de Lisboa e Porto, simultaneamente, ainda na primeira quinzena do corrente mês.

Congratulamo-nos, sinceramente, com o facto!

tribuna

(continuado da 1.^a página)

nossos sinceros e fervorosos agradecimentos, pelas gentilezas que nos distinguiram.

Quanto aos nossos estimados leitores, que tão carinhosamente receberam a nossa modesta gazeta em suas mãos, aqui lhes exaramos, igualmente, a nossa impercível gratidão! Vemos, com grande alegria, que os cinefilos portugueses souberam corresponder, cabalmente, aos nossos esforços, estimulando-nos com o seu precioso e imprescindível auxilio.

Esta iniciativa, embora superficialmente pareça insignificante, representa, para nós, todavia, um pesadíssimo fardo, com que teremos de arcar — para prestígio do nosso brio de legionários da pena.

Prometemos melhorar, futuramente, o nosso jornal, apresentando-o com maior número de páginas e, também, com uma mais selecta colaboração, da autoria de alguns dos melhores jornalistas cinematográficos.

Portanto, cremos que, por tudo isto, o filme continuará, sempre, a merecer a simpatia e o lisonjeiro acolhimento dos seus numerosos leitores e amigos.

aos nossos correspondentes

As todas as pessoas que se ofereceram para correspondentes de «O Filme», rogamos a fineza de nos remeterem, com a maior urgência possível, duas fotografias, para lhes passarmos o respectivo bilhete de identidade.

Assinar, comprar ou propagar «O Filme», é um dever que se impõe a todos os verdadeiros cinefilos portugueses!